

# As Novas Humanidades\*

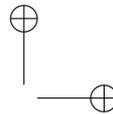
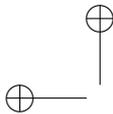
António Fidalgo

Para quem em Portugal fez o liceu e a universidade nas décadas de 50 ou 60, a situação actual das humanidades nos diferentes níveis de ensino causa perplexidade e até angústia. As línguas clássicas agonizam. As turmas de latim, e do grego nem é bom falar, desapareceram do ensino secundário – no interior do país não há uma única turma –, e na primeira fase de colocações na admissão ao ensino superior em 2007, o curso de Línguas Clássicas em Lisboa teve 4 alunos colocados e o da Universidade de Coimbra 3 alunos. E o estudo do Português, se bem que qualificado politicamente da maior importância na formação dos alunos, aligeira-se mais e mais. Os clássicos da língua tornam-se, quando se tornam, referências vagas. *Os Lusíadas* que eram aprendidos intensivamente nos 5º e 7º anos do Liceu, correspondentes aos actuais 9º e 11º, com divisão de orações, com tirar infindo de significados, com aprendizagem de cor de muitas oitavas, deixaram de dar aos alunos tópicos habituais da cultura portuguesa, como “ocidental praia”, “vã glória”, “dos verdes anos, colhendo doce fruto”, “mísera e mesquinha”, etc. Fácil de concluir que a universalização do ensino aconteceu a par de um abaixamento significativo da aprendizagem humanística.

A presente sensação de crise nas humanidades em Portugal faz-se em contraposição à memória dessa época de luxo dos liceus portugueses, em que nomes como Virgílio Ferreira, Mário Dionísio, Rómulo de Carvalho ensinavam em escolas de elite como o Liceu Camões e o

---

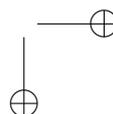
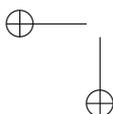
\*À Beira, nº7, Covilhã, Universidade da Beira Interior, 2007, pp. 7-18

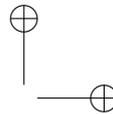
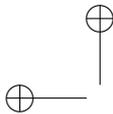


Liceu Pedro Nunes em Lisboa. Mas mesmo os liceus na província, nas capitais de distrito, eram na generalidade escolas de elevada qualidade. No ensino superior as Faculdades de Letras das três universidades, Lisboa, Coimbra e Porto, gozavam de merecido prestígio e muitos dos seus mestres de então pertencem hoje ao Panteão das letras portuguesas, Nemésio, Manuel Antunes, Lindley Cintra, entre outros. Particularizando, e *mutatis mutandis*, tal contraposição é a que G. Steiner refere logo no começo de *No Castelo do Barba Azul*, de que, subjacente ao “sentimento actual de desorientação”, à “impressão de uma quebra profunda no campo dos valores da arte”, aos “receios de uma ‘nova idade das trevas’ em que a nossa civilização possa desaparecer ou se restrinja a pequenas ilhas de preservação arcaica”,<sup>1</sup> há a ideia ou a lembrança de uma época doirada, ‘o jardim imaginário da cultura liberal’, situado no longo período de 1820 a 1915.

O longo texto jornalístico intitulado ‘A Crise das Humanidades’ em *O Público* de 25 de Outubro de 2005 de Carlos Reis, catedrático da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, é exemplar tanto da consciência da crise como da acusação ao desnorte do ensino superior em Portugal, na área das humanidades, visível logo na criação a esmo de novos cursos e na variegada designação dos mesmos. Os candidatos ao ensino superior trocam os cursos tradicionais de Letras, nomeadamente as Filologias, clássicas e contemporâneas, Filosofia, História, pelos múltiplos cursos de comunicação, artes e multimédia que se espalharam por todo o país, por politécnicos e novas universidades. Há certamente algum despeito do lente de Coimbra que vê saberes há muito consolidados da vetusta universidade serem preteridos em favor de cursos recentes de jovens instituições sem pergaminhos académicos; mas é certamente com muita razão que denuncia a falta geral de planeamento académico-científico, a ligeireza na criação de cursos de matrizes científicas ainda indefinidas ou até mal definidas, o navegar ao sabor das modas e designações que melhor “vendem” no mercado da

<sup>1</sup>George Steiner, *No Castelo do Barba Azul. Algumas Notas para a Redefinição da Cultura*, Lisboa, Relógio d’Água, 1992, p. 14 e 15.

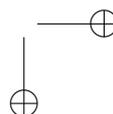
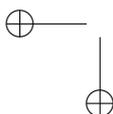


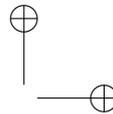
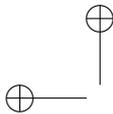


captação de alunos, a apressada reconversão de docentes das disciplinas tradicionais para as novas disciplinas e, sobretudo, a irresponsabilidade política dos sucessivos ministérios ao longo de décadas.

Dois pontos merecem especial atenção no texto de Carlos Reis. O primeiro é sobre a crise geral das humanidades que, como bem escreve, está “no meio de tudo isto” e cujas causas “transcendem o doméstico universo português”. Elenca várias: “a deslegitimação progressiva da palavra escrita (e lida), em benefício de discursos dominados pela imagem, a gradual perda de poder simbólico de saberes com tradição na cultura ocidental (a Filosofia, a Literatura, a História), a hegemonização televisiva e a brutal tabloidização de uma vida pública reduzida à indigência, a afirmação de ciências sociais que às vezes correm à margem daqueles saberes, a integração académica de formações antes entendidas como profissões com auto-aprendizagens ‘práticas’ (o jornalismo, por exemplo), o crescente prestígio de áreas e de carreiras que correspondem a solicitações novas e socialmente prementes (a psicologia, a informática, a publicidade, o marketing, a gestão), a confiança acrítica no carácter ‘redentor’ de certas ciências (como as ciências da educação)”. Daqui conclui, e bem, que “tudo por junto levou a uma redistribuição de poderes e de espaços de actuação, obrigando a repensar o lugar, a função e os modelos de formação por que se regem as Humanidades.” O segundo ponto é a verificação de que “as Faculdades de Letras carecem, decerto, de uma reforma profundíssima, atingindo patamares de intervenção bem mais profundos do que o verniz das redistribuições curriculares e a invenção de novas licenciaturas.” Só que em vez de apontar essas reformas profundas à luz das novas realidades e dos novos saberes, Carlos Reis recai nas catilinárias às capacidades de “as universidades ainda muito jovens” oferecerem as novas formações. Um mestre coimbrão do século XVI, exímio nos saberes escolásticos de longa tradição, não invectivaria melhor os novos saberes que a modernidade trazia então consigo na Europa além Pirenéus.

De facto, o registo de som e imagem a partir do século XIX, a edição e difusão dos mesmos ao longo de século XX e sobretudo a

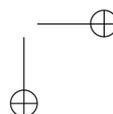
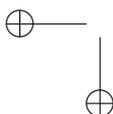




digitalização de toda a informação, de texto, imagem e som, nas últimas duas décadas, constituem uma revolução tremenda também para as humanidades. A música pop e rock são fenómenos que a cultura, mesmo na acepção de alta cultura, não pode de todo ignorar. Não saber quem são os Beatles e não conhecer a sua música é hoje tão ou mais grave para um jovem do que, ficando na música, desconhecer compositores como Bela Bartok ou Schostakovitch. Não conhecer filmes como “Tempos Modernos”, “O Mundo a seus Pés”, “Tudo o Vento Levou” ou “O Padrinho” é hoje uma falha tão crassa como há algumas dezenas de anos não ter lido os grandes romances russos dos finais do século XIX. Os dramas, as tragédias, as comédias, as epopeias, as angústias, as alegrias, as línguas, o pensamento humano nos seus altos e baixos, a história do seu ser, viver e agir, tudo isso que constitui o humano do homem não se encontra apenas em palavras, faladas, manuscritas ou impressas, mas também nos sons e nas imagens, que de momentos fixos ganharam vida nos filmes e nas histórias que estes contam. Tal como o humano se solidificou exemplarmente nas comédias e tragédias gregas ou no teatro isabelino do século XVII, assim hoje se cristaliza nas obras cinematográficas.

O fenómeno que Carlos Reis designa por “a deslegitimação progressiva da palavra escrita (e lida), em benefício de discursos dominados pela imagem” também pode ser designado pelo fim do “verbalismo” característico da civilização ocidental.<sup>2</sup> No último capítulo de *No Castelo de Barba Azul*, intitulado “Amanhã”, George Steiner apresenta uma visão das mudanças culturais induzidas pelas novas tecnologias de som e imagem bem mais diferenciada, e muito menos catastrófica que a de Carlos Reis. Se este declara liminarmente que “Não é civilizado nem culto um país (e um povo) que não estuda nem investiga o grego e a filosofia antiga, a poesia renascentista e a arte maneirista, os poetas oitocentistas e a literatura latina, os livros de viagens e a história da lín-

<sup>2</sup> *Ibidem*, p. 115. “Observada de uma perspectiva histórica futura, a civilização ocidental, das suas origens greco-judaicas até ao presente, talvez surja como uma fase de “verbalismo” altamente concentrado.”





gua, a literatura comparada e a crítica textual, as epopeias e os textos historiográficos”, Steiner diz avisadamente que “é possível que o nosso quadro de apocalipse, ainda que tratado com moderação e temperado de ironia, seja perigosamente inflacionista.”<sup>3</sup> E diz mais ainda, diz que “a maior parte da literatura ocidental está a afastar-se com uma rapidez cada vez maior do alcance do leitor e ... a passar da presença activa à inércia da conservação universitária.”<sup>4</sup>

O que era normal há umas décadas na bagagem cultural de um estudante comum de uma Faculdade de Letras hoje será tido como marca invulgar de um estudante actual. A grande diferença reside sobretudo na falta de leituras outrora consideradas essenciais. O tempo passado em frente da televisão e em jogos de computador retirou o tempo à leitura, em particular às obras de grande fôlego. Falta cultura literária, histórica e filosófica. O mais provável porém é que o défice agora sentido, porque reside ainda na memória um termo anterior de comparação, se torne com o decorrer do tempo mais e mais a situação normal. Não é previsível que os níveis de leitura regressem alguma vez ao que eram há uma geração. A evolução tecnológica aumentará e reforçará as alternativas à leitura. A questão então é saber se estas alternativas equivalem ao declínio da cultura em geral ou significam uma mudança de paradigma nas expressões culturais, na sua difusão e aquisição. Os apocalípticos, ao género de Neil Postman,<sup>5</sup> consideram que as inovações tecnológicas induzem à transformação da cultura em entretenimento e a uma conseqüente infantilização dos consumidores. Outros, todavia, crêem que a generalização e a divulgação do som e da imagem mediante aparelhos portáteis inauguram tipos de cultura radicalmente outros, mas não necessariamente inferiores no seu potencial humanístico.

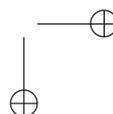
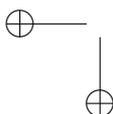
George Steiner encara de frente o dilema entre a musealização crescente da cultura erudita, confinada aos departamentos universitários e

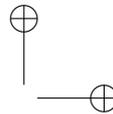
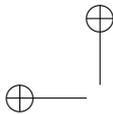
---

<sup>3</sup> *Ibidem*, p. 102.

<sup>4</sup> *Ibidem*, p. 103.

<sup>5</sup> Neil Postman, *Amusing ourselves to death*, Penguin Books, 1986.





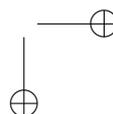
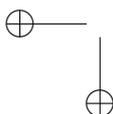
envolta “numa pseudovitalidade de arquivo”<sup>6</sup> e a fragilização, o desaparecimento e até a recusa dessa cultura por sectores largos da população. Steiner põe directamente a questão sobre “se não serão possíveis outras formas de leitura culturalmente definidas que não sejam as das letras”,<sup>7</sup> para mostrar como a música *rock* e *pop* se tornou o esfera envolvente da juventude contemporânea e que é, seguramente, uma ‘metacultura’.<sup>8</sup>

À semelhança da língua que moldou ao longo de séculos a maneira de ser e de viver das pessoas, pelos tempos e pelos lugares próprios ao discurso ou à leitura e à escrita, também agora a música, graças aos aparelhos de gravação, de difusão e de reprodução do som, cria novas formas de estar e conviver no mundo. Steiner compreende a dimensão social e cultural dos novos meios técnicos: “A alta-fidelidade e o LP são algo mais do que um progresso técnico. Abriam-nos e tornaram-nos facilmente acessível um vasto território musical, de formas e tonalidades perdidas, anteriormente reservadas ao conhecimento dos arquivistas. (...) Enquanto os vitorianos publicavam livros de bolso para os amantes, grinaldas de prosa e verso que os apaixonados liam mutuamente em voz alta ou murmuravam em segredo, nós dispomos de discos de sedução, destinados a serem ouvidos na altura em que o lume esmorece na lareira. Se Dante escrevesse hoje o verso que cristaliza a

<sup>6</sup> “Nunca foi maior a prodigalidade da erudição especializada – nos estudos literários, na musicologia, na história da arte, na crítica literária e no mais bizantino de todos estes géneros: a crítica e a teoria da crítica. Nunca as metalinguagens dos grandes se desenvolveram com maior profusão ou com uma gíria mais arrogante em torno do silêncio do sentido vivo.” *No Castelo do Barba Azul*, p.111.

<sup>7</sup> *ibidem*, p. 118.

<sup>8</sup> “A música *pop* tem a sua semântica, a sua teoria dos géneros, os seus conflitos emaranhados entre inovadores e adeptos do cânone. (...) Em resumo, o vocabulário, os quadros contextuais de comportamento do *rock* e do *pop* constituem uma verdadeira língua franca, um ‘dialecto universal’ da juventude. Por toda a parte a mesma cultura sonora parece contrariar a velha autoridade da ordem verbal.” *Ibidem*, pgs. 120 e 121.





paixão absoluta e a rejeição do mundo, penso que seria qualquer coisa como: ‘E nada mais ouviram nesse dia’.”<sup>9</sup>

Dito de uma forma conclusiva, Steiner afirma que “as formas culturais da música ligeira e clássica, trabalhadas por novas técnicas de reprodução não menos importantes do que o foram no seu tempo as técnicas de impressão de massa, penetram nas nossas vidas a múltiplos níveis organizadores. Em muitos casos e para muitas sensibilidades, asseguram já uma ‘cultura no exterior da palavra.’”<sup>10</sup>

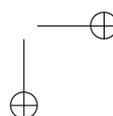
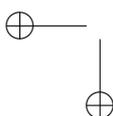
Como outros, de que cabe citar Marshall McLuhan, Steiner dá-se conta das múltiplas rupturas que as tecnologias provocam mesmo ao nível mais básico da percepção e representação. A análise que faz da emergência da música *pop* e *rock* na civilização contemporânea ilustra sobretudo a erupção de novos espaços culturais e uma fragmentação de espaços antigos, outrora bem consolidados. Ora como não entender então que na transição do segundo para o terceiro milénio a situação se agudizou de forma extraordinária, sobretudo com a tecnologia digital e com a Internet, com o acesso a toda a informação em qualquer parte e a todo o instante? As ciberculturas aí estão como um desafio premente e inevitável às culturas centradas na palavra e aos respectivos saberes humanísticos.

Será porventura de admirar que as gerações do Youtube e da partilha de ficheiros na Internet se sintam pouco atraídas pelos cursos tradicionais das Faculdades de Letras e prefiram cursos que incluem nos seus currículos disciplinas de som e imagem? Cresceram em casa ouvindo rádio, vendo televisão, jogando no computador, e mesmo nas salas de aula dos ensino básico e secundário beneficiaram de meios audiovisuais e do acesso à Internet. Como estranhar então que recuem perante o ensino meramente livresco das velhas Faculdades, que continuam a ensinar como se nada mais houvesse para aprender do que palavras ditas ou escritas? Na infância e na adolescência os estudantes habituaram-se a uma realidade multimidiática, mas a universidade de

---

<sup>9</sup> *Ibidem*, p. 123.

<sup>10</sup> *Ibidem*, p. 126.

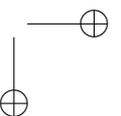
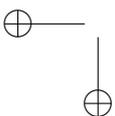


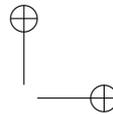
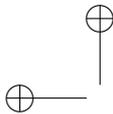


velho recorte teima em metê-los no colete unidimensional do saber impresso. As novas tecnologias tornaram pura e simplesmente intolerável a daltonia do branco e do preto de livros e suas fotocópias e a monotonia das lições. As cores e os sons que enchem a vida e que são retidos, difundidos e recebidos por máquinas fotográficas, gravadores, e sobretudo por telemóveis que são tudo em um, e por computadores portáteis ligados permanentemente à Internet por redes sem fio, exigem novas humanidades.

Por novas humanidades há que entender as disciplinas que versam as áreas do saber e do fazer que as novas tecnologias tornaram possíveis e que, tal como as áreas estudadas pelas antigas humanidades, procuram dar sentido à vida e ao mundo. Não menos que as disciplinas tradicionais, como a Literatura, a Filosofia e a História, também as novas humanidades constroem modelos de descrição e resolução de problemas, elaboram estratégias de abordagem dos dilemas com que o homem se confronta individual e colectivamente, e levantam e formulam as questões essenciais sobre os valores, os objectivos e o sentido da acção humana.

Se cabe aos Estudos Literários debruçarem-se sobre as obras literárias, sobre os respectivos princípios de produção e de recepção, o mesmo ocorre com os Estudos Fílmicos relativamente à obra cinematográfica. O cinema estabeleceu-se no século XX como uma actividade tão importante como a literatura, e como esta compreendendo géneros tão diversos como a comédia e o drama. Aliás entre literatura e cinema não há apenas paralelismo, mas também intersecções, e o estudo contemporâneo das múltiplas formas de narrativa há-de estender-se aos dois. As filologias, as clássicas e as contemporâneas, constituíam, e constituem, uma introdução ao pensamento e à cultura de outros povos e de outras gentes, remotos ou próximos no tempo e na geografia. As novas ciências da comunicação estudam justamente os princípios e as razões da comunicação humana em toda a sua diversidade, mas obviamente atendendo aos meios e às mediações que qualquer acto comunicacional de *per se* envolve. Recusar o título de humanidades às

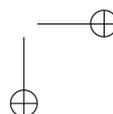
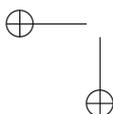




disciplinas que estudam as novas artes humanas como o cinema e as chamadas artes do espectáculo equivaleria a uma visão museológica das humanidades, de entendê-las como um estudo de um *corpus* já terminado de investigações e reflexões sobre o humano.

A recente integração das Escolas de Belas Artes na Universidade e sua conversão em Faculdades reflecte de algum modo uma nova relação entre o fazer poético e o saber teórico, à semelhança aliás do que ocorreu na primeira metade do Século XX quando com a integração das Escolas Superiores de Engenharia nas universidades se inaugurou uma associação revolucionária entre teoria e prática. As velhas Faculdades de Ciências, com o seu saber eminentemente teórico, a Matemática, a Física e a Química, viram-se confrontadas com as tecnologias, com a utilização do saber teórico para fins industriais e comerciais, na mecanização e electrificação de países inteiros, na construção de grandes obras públicas, na indústria de guerra e nas indústrias químicas. Não é possível mais conceber as ciências puras e duras desligadas das eventuais aplicações práticas. A física do século XX está tão ligada à teoria da relatividade como à construção da bomba atómica. As humanidades clássicas são desafiadas hoje pelas artes do espectáculo, pelos estudos artísticos e culturais, pelo multimédia, pelos videojogos. A reforma profundíssima de que carecem as Faculdades de Letras reside fundamentalmente em superar o arquivismo do saber ali praticado e entrosá-lo na efervescente actividade cultural das sociedades contemporâneas.

Tal reforma não significa de modo algum que as Faculdades de Letras deixem de estudar o que no fundo sempre estudaram, as vias e os resultados de como o homem se tem interrogado e pensado ao longo dos séculos e no meio de culturas e civilizações tão diversas. O que varia sim é o espírito desse estudo, já não o estudo de matérias passadas e mortas, mas de um património em uso profícuo e constante em actividades e produtos actuais. Em artigo recente no semanário alemão *Die Zeit*, e sugestivamente intitulado “Acabar com a ideia de inútil!” (Schluss mit nutzlos!), Harald Welzer, professor das *Geis-*



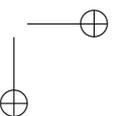
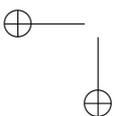


*teswissenschaften*, chamava justamente a atenção para a importância das humanidades na economia dos países desenvolvidos. Na Alemanha o produto ligado às indústrias culturais, como galerias, editoras, teatros, atinge o montante de 35 mil milhões de euros e nos Estados Unidos cerca de 30 por cento dos assalariados trabalham nas chamadas indústrias criativas, como meios de comunicação, arte, formação, e outros sectores afins. Por outro lado, a força económica e a atracção das grandes metrópoles residem na respectiva oferta cultural.<sup>11</sup>

Se as ciências da comunicação – nas múltiplas vertentes da pesquisa e do ensino a que se dedicam, desde o jornalismo à comunicação estratégica, da comunicação política aos estudos culturais – se destacam entre as novas humanidades é porque conciliam saberes clássicos, há muito estudados pela linguística e pela retórica, com um saber lidar com as novas tecnologias, formando profissionais qualificados e especializados para a indústria dos média. Os laboratórios audiovisuais são um instrumento fundamental à formação destes estudantes tal como o são as bibliotecas. Hoje um licenciado em Ciências da Comunicação não é seguramente um licenciado de letras a escrever para os jornais, mas alguém que recebeu uma formação académica na contextualização da palavra e da imagem nos respectivos meios. Estúdios de rádio e de televisão, laboratórios de fotografia e artes gráficas, oficinas de produção multimédia e de disponibilização online, são estruturas imprescindíveis aos cursos superiores das novas humanidades.

Os cursos superiores de humanidades não estão condenados à formação de professores. De facto, vivemos em Portugal num período de transição, de uma época em que a larguíssima maioria dos estudantes das Faculdades de Letras visavam o 2º e 3º ciclos do ensino básico e o ensino secundário, para passarmos para uma época de novas formações, cujas saídas profissionais são, entre outras, as indústrias culturais e dos média. O espírito que presidia à formação de professores era sobretudo um espírito de preservação de um *corpus* de saber, erigido ao longo de séculos, e que se pretendia passar às gerações seguintes.

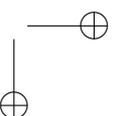
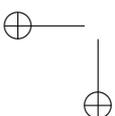
<sup>11</sup>*Die Zeit* de 25 Janeiro de 2007.





O espírito que preside à formação de licenciados em humanidades é diferente, aqui trata-se de mediante uma formação humanística ganhar a bagagem e a competência para singrar em sectores tão variados como a publicidade, a escrita de guiões, a assessoria de imprensa, a comunicação estratégica, e também trabalhar como “free lancer” para jornais, agências de comunicação e outras entidades, numa forma de vida assaz diferente da que a sonhada pelos candidatos a professores do ensino oficial.

Por fim, e pegando no importante tema da investigação no âmbito das novas humanidades como pedra de toque de que não são apenas meras aplicações práticas ou utilizações das humanidades clássicas a demandas circunstanciais das indústrias culturais, de que possuem uma espessura científica própria, de que no seu núcleo bem específico há questões intelectuais bem pertinentes, encontramos hoje trabalhos de investigação sólida e consistente, muitos deles em forma de teses de doutoramento e de mestrado, que constituem e alargam o campo de conhecimentos das novas humanidades. Tomemos como caso exemplar, o estudo da narrativa no cinema e nos videojogos. Que a doutrina aristotélica tantas vezes citada e tratada tem aqui papel fundamental é algo óbvio. As categorias de acção, actor, personagem, enredo, são aqui utilizadas como o são em qualquer trabalho sobre narrativas literárias. Actualmente, porém, são sobretudo os videojogos que suscitam urgência teórica de compreender a especificidade das narrativas sobre que se constroem. Ninguém que medite um pouco sobre o tema negará que a abertura da narrativa nos videojogos constitui um desafio à própria noção de narrativa tal como se corporiza no cinema. Que proximidades e que diferenças entre um espectador e um jogador? A resposta exige o tratamento e um domínio tão profundo quanto ágil de um acervo conceptual vasto e preciso. Diferenciar a acção prosaica e a acção poética mediante as categorias de ideação e reificação, constrição e ingerência, temporalidade, inquirir a praxeologia e a caractereologia, mediante uma fenomenologia do agente, dos cic-





los e dos domínios da acção, da imputabilidade,<sup>12</sup> são exercícios de pesquisa que, como qualquer boa teoria, iluminam práticas contemporâneas de lazer e de formação, e, por outro, enriquecem o *corpus* de conhecimento num vetusto campo do saber humanístico.

As elegias pelas humanidades, tão a gosto de certos professores universitários, que nos novos cursos superiores de humanidades apenas vêem cedências a modismos e a facilitismos dos tempos terão certamente o peso e o mérito de avisos à navegação. Contudo, mais do que lamentos por um saber estruturado e consolidado que deixou de ser atractivo aos jovens, o que importa é aportar às novas formações que buscam e de que precisam o saber e a sabedoria das clássicas disciplinas da palavra. Desse património nada se perde, o que importa porém é renová-lo, usá-lo no dia a dia das actividades culturais e sociais contemporâneas e abri-lo aos desafios permanentes com que se vêem confrontados.

---

<sup>12</sup> Luis Carlos Nogueira, *Narrativa Fílmica e Videojogo. Articulações e Dissensões*, 2007, Tese de doutoramento em Ciências da Comunicação na Universidade da Beira Interior.

